

teatro. Em artigo denominado "Trinta anos de teatro" (em "O Estado de S. Paulo, 14 de dezembro de 1968-Suplemento Literário) disse Alfredo Mesquita: "Lembro-me perfeitamente do dia em que fui procurá-la no "Instituto do Café", de que era funcionária exemplar-como sempre foi até sua aposentadoria anos atrás-para convidá-la a tomar parte na minha fantasia "Casa Assombrada", a ser levada no "Teatro Municipal" (1938), em benefício do "Asilo de Santa Tereza", de Carapicuíba. Ao receber o convite deu uma daquelas suas gostosíssimas gargalhadas: representar? ela que jamais pensara em pisar num palco? Nunca! Se para lá subisse de certo tropeçaria e ia parar na fossa da orquestra. Nem tropeçou nem foi parar em fossa alguma. Pelo contrário: aceitou o convite, ensaiou com a maior das consciências profissionais (qualidade que sempre a caracterizou) representou com a máxima facilidade e desembaraço, e nunca mais deixou o palco",

Foi com essa mesma consciência profissional, que doze anos depois criou a difícilíssima Amanda de "À margem da vida", apresentando pela primeira vez ao público brasileiro a célebre personagem de Tennessee Williams, uma das maiores do teatro contemporâneo.

Marina Freire atuou no Grupo de Teatro Experimental, no Teatro Brasileiro de Comédia, na Cia. Nydia Lícia-Sérgio Cardoso, no Teatro Popular do SESI e em alguns grupos isolados.

O ARQUIVO MARINA FREIRE composto de pequenos exemplos fotográficos, programas e recortes foi-nos enviado pelo seu filho, Sérgio Junqueira Freire. Embora não extenso, é possível ao examiná-lo no conjunto, aprender-se a trajetória de uma atriz: inclinação por tal gênero interpretativo, repercussão do trabalho junto à crítica e sobretudo -através das fotos- a comovente alteração fisiológica provocada pelo tempo, marca no mínimo de uma fidelidade à profissão.